

José Riço Direitinho

O Escuro Que Te Ilumina

Este livro leva um nome que só o coração pode pronunciar.

*O que busco em ti é
o escuro que te ilumina.*

INSCRIÇÃO HEBRAICA ENCONTRADA NUMA ROCHA PERTO DO LAGO
TIBERÍADES, SÉCULO X A.C.

*Então a tua luz se levantará na escuridão,
E a tua escuridão será como o meio-dia!*

ISAÍAS 58:10

Porque é de ti que me vem o fogo.

HERBERTO HELDER



1 de Janeiro

A minha mais ousada fantasia sexual és tu.

Quando apago as luzes da sala, a noite entra por esta janela de onde te observo. Por vezes, como agora, escrevo como se me lesses:

Hoje queria escrever um poema — eu que não escrevo poemas — para as tuas mãos. Escrivê-lo deitado entre as tuas pernas. Ou com a cabeça pousada no teu peito. Escrever para ti: um poema que falasse ainda da vida de um peregrino que se perde nas sombras do olhar de uma mulher. E que contasse também deste abismo de uma rua: que é ver-te daqui: debruçando-me no precipício em que sempre se torna a minha cabeça ao olhar-te assim de longe.

Contrariando o que disse *Herr Nietzsche*:

Não são os abismos que só por si nos atraem, são os nossos próprios precipícios que se iluminam com a visão desses outros abismos: dos teus.

Por estes dias, e agora que decidi começar a escrever este «diário» — que talvez não seja tão diário —, tenho pensado tantas vezes naqueles versos do Al Berto: e é assim que por aqui me vou habituando a morrer sem ti:

«Com uma esferográfica cravada no coração.»

2 de Janeiro

Há um mês que ela se mudou para aquele apartamento (no terceiro andar) ali em frente, do outro lado da avenida. Há um mês que a observo deste sofá em que me sento diante da janela. Ainda não passaram três semanas desde que me cruzei com ela no supermercado aqui na avenida: essa foi a primeira vez: olhei-a nos olhos, mas ela não sabe quem sou: segui-a depois de perto, como se ela fosse um estranho íman, durante pouco mais de um minuto: tive de parar: senti-lhe o perfume.

Consgo identificar dezenas de essências e os nomes das marcas que as usam na minha memória olfactiva. Ir-me actualizando em perfumes femininos é um dos meus vários vícios. Tivesse eu crescido em Paris, poderia dizer:

Je suis un «nez».

(O perfume dela: aquelas notas florais entre o almiscarado e o amadeirado, em mistura com a bergamota e o jasmim de Madagáscar, não me deixaram dúvidas: *Love Story*, da Chloé. Pedi uma amostra numa perfumaria no dia seguinte: não me enganara: e guardei-a.)

* * *

Há dois ou três meses comprei um pequeno telescópio para com ele ocupar parte das minhas noites: apago as luzes da sala e monto o tripé.

As vidas dos outros, olhadas com distância, sempre me interessaram: não no seu sentido moral: as pequenas intrigas, o exercício da bondade ou da maldade, a prática da virtude ou do pecado, os comportamentos e os hábitos: mas sim pelo que as faz mover: o grau de amor, a dedicação e a troca, o desprezo, a raiva e o ódio disfarçados (ou apenas controlados), e também algo de que não sabemos o nome e que nos chega sempre do passado.

O meu olhar é amoral.

As vidas dos outros interessam-me como histórias: matéria bruta: acasos. Não me prendem por aquilo que contam, mas pelo que possam esconder: não com o sentido de coisa que não pode ser mostrada, que não pode ser vista pelos outros, mas como algo que está ali diante de nós e que não se revela a um olhar distraído: que temos de descobrir: como deve acontecer nas boas histórias.

Ou talvez essas histórias só me interessem para me perceber. Talvez essas histórias só me interessem para saber em que é que falhei: talvez seja essa a razão e a natureza das histórias que gostamos de ouvir e de ler: aclarar-nos o espírito: como se houvesse outra vida com a qual pudéssemos emendar esta. Mas haja ou não essa outra vida, chegaremos sempre atrasados às emendas: não há remédio, nunca: há apenas alívio: é isso que nos custa, é isso que nos culpa.

Não temos saída: aquilo que nos resta, que é muito pouco, é recomeçar sempre: recomeçar sempre é cansativo. Mas não nos rendemos: não nos rendamos.

3 de Janeiro

Daqui deste sofá, sentado e de carapins minhotos calçados por estes dias frios (quem sabe que os uso diz que não combinam comigo — talvez não combinem, mas eu sou contraditório), vejo os vizinhos ao longe e por dentro: os corpos, as cabeças: os gestos em que hesitam e aqueles a que se obrigam, vejo a capa que lhes cai da cabeça aos pés ao entrarem cansados em casa (vejo a outra que vestem para as horas domésticas — e talvez nenhuma seja a verdadeira, aquela que na verdade queriam vestir), vejo o desmoronar de uma postura que se ergue para os outros, as alegrias infantis que ainda perduram quando se distraem e riem com vontade, as lágrimas que foram muito tempo contidas, uma ou outra fantasia em que condescendem: e se concedem: para que a ansiedade não acabe em maior tédio e cansaço: é a amarga domesticidade dos dias que passam: como num relógio cujos ponteiros rodam acelerados de maneira estranha: fora do tempo que corre na nossa cabeça e sem piedade das rugas.

Sim, tenho também esse lado meio perverso de voyeur, obviamente: a devassidão dos outros comove-me: e sobre isto, de uma maneira quase cínica, poderia ainda dizer como o inspector Jaime Ramos:

«Sou curioso, interessa-me muito a devassidão dos outros, ajuda-me a passar o tempo.»

Mas não apenas: a devassidão dos outros também me ocupa o intelecto e, por vezes, mas poucas, excita-me.

4 de Janeiro

Assim passo algumas das minhas noites:

Vivo sozinho num quinto andar: o meu posto de observação é mais alto do que aqueles que espreito: consigo vê-los quase por inteiro. Daqui olho o prédio que escolhi (o mais estreito) entre os vários que tenho diante de mim: a arquitectura é moderna: a construção, recente: um apartamento por piso, que são quatro (contando com o rés-do-chão), sem esquerdo nem direito, janelas amplas sem varandas: habitantes que encaixam na classe média alta, na casa dos quarenta anos. A rua que nos separa é larga: uma avenida em Lisboa: atravesso-a e aproximo-me deles com as lentes do telescópio. Eles não sabem que os vejo: como se eu assomasse e me deixasse ficar ali nos parapeitos das janelas: as cortinas quase sempre abertas (dada a distância ao outro lado da avenida, talvez sintam que têm a intimidade protegida) e as persianas subidas.

Mesmo que se cruzem comigo algures: na pastelaria ou no banco: não me reconhecerão.

Quando não saio, ou quando não tenho de terminar um trabalho para a universidade, visito-os: deixo-me ficar a vê-los nas salas de jantar, nas cozinhas, nos quartos, por vezes também nas casas de banho (quando as janelas de vidro

martelado não estão fechadas): vejo vidas domésticas — são a minha única companhia.

Talvez os comece a seguir na rua.

5 de Janeiro

Escrevo como se me lesses:

Um dia destes vou comprar uma máquina fotográfica (bem sei que já mal se usam) e um zoom gigante: como aqueles que se vêem nos estádios de futebol. Vou comprá-la por ti: para te poder guardar numa memória artificial: digital: num cartão: para um dia ter a certeza de que exististe.

6 de Janeiro

Os vizinhos do segundo andar do prédio em frente são um casal e um filho, que presumo de ambos: o rapaz terá uns dezasseis, dezassete anos, e já passa pouco tempo em casa: aos fins-de-semana nunca o vejo a deambular por ali: o que deve ser sentido pelos pais como uma bênção: como quase sempre acontece nos casais com filhos adolescentes, também estes aproveitam essas noites: como um ritual: para se recrearem — talvez a palavra acertada seja: recriarem.

Ele põe uma cabeleira, preta e comprida, veste lingerie rendada: cinto de ligas e meias: por vezes calça botas: cano

alto, a tapar o joelho: é um *crossdresser*. O único adereço dela é um *strap-on*: passeia nua entre o sofá da sala e a cama: nessas noites sodomiza-o várias vezes.

São ambos médicos: daqui avisto por vezes os estetoscópios abandonados sobre a mesa, as batas brancas nas costas das cadeiras e a típica caixa do esfigmomanómetro. Gosto da palavra.

7 de Janeiro

É verdade que, depois de termos deixado calcificar a vida (assim como acontece com as torneiras que já não abrem nem fecham, só pingam durante a noite — não, isto não é uma irónica metáfora sobre o sexo conjugal), precisamos quase sempre de um estímulo para ressuscitar. Então, ou o inventamos ou, sendo sortudos, ele vem ter connosco como uma aparição — talvez trajando de amarelo — que caminha devagar por entre arbustos de um jardim: e a nossa boca e os nossos olhos abrem-se de espanto como se presenciássemos o começo do mundo (que de certeza não terá sido mais milagroso).

Talvez essa oportunidade e a possibilidade desse deslumbramento, dessa fascinação, sejam as únicas coisas que ainda devemos agradecer à vida. O resto é apenas nosso e não serve para muito — produtos domésticos que o tempo cuidará de apagar e de tratar.

Os dias em que me cruzo contigo, em que te vejo mais perto, ficam a pairar fora do tempo: encontrei-te hoje

no supermercado: tirei a senha na peixaria a seguir a ti: assim pude esperar: os teus olhos: sei que sempre os esperarei.

8 de Janeiro

Escrevo como se me lesses:

Tenho comigo a máquina fotográfica com o zoom.

Agora posso fotografar daqui os teus olhos: esse abismo que te ilumina: que me ilumina.

9 de Janeiro

Escrevo como se me lesses:

Hoje foi um dia especial: mandei que te entregassem, à noite, em casa, um ramo grande de coroas-de-rei: brancas. Remetente anónimo. Foi há poucas horas: vi depois a carrinha da florista parar diante da porta do teu prédio: o rapaz (como o invejei) a sair com as flores, tocar a campainha e subir.

Fiquei à espera: o olho cravado no telescópio: ver-te voltar à sala. As flores lá estão: numa jarra sobre um aparador.

O que terás pensado? A quem terás atribuído o gesto de te oferecer flores? Certamente a algum tipo que conheces do trabalho: talvez um daqueles enconados a quem a vida ensinou a apaixonar-se em silêncio para se defenderem.

Amanhã, no escritório, vais olhá-los a todos, um a um: tentar perceber no olhar deles o triunfo misturado com a esperança.

11 de Janeiro

Jantei num restaurante aqui na avenida.

Sentei-me quase ao mesmo tempo que o tipo do primeiro andar do prédio em frente; hoje foi dia de ter a filha com ele: uma vez de quinze em quinze dias: a mãe vem trazê-la de manhã cedo e vem depois buscá-la à noite: não dorme em casa do pai. A miúda terá uns doze, treze anos: este dia quinzenal é passado pelos dois fora de casa — presumo que em compras: chegam sempre com alguns sacos.

Durante o jantar pouco falaram: ele a levar o guardanapo dobrado aos lábios depois de cada garfada — assim que se sentou, com o tronco muito direito, alinhou os talheres três vezes e ajeitou os copos no centro da mesa; a miúda, com os olhos a bailar entre o prato e três adolescentes — rapazes, umas mesas adiante —, quase não olhou o pai nas poucas vezes que este falou.

Enquanto eu olhava para os dois, lhes observava os gestos de quem não se sente à vontade no papel que tem de desempenhar, pensava na vida daquele homem que eu vi sempre sozinho: que perversões ou taras guardará?

Quando o observo com o telescópio: está quase sempre sentado no sofá, de costas para a minha janela, a ver filmes pornográficos em contínuo — são poucas as tarefas

domésticas a que se entrega: cozinha uma ou outra vez: para o resto vem uma empregada duas vezes por semana. Não me parece que se masturbe diante do televisor: os braços pendem quase sempre por trás do sofá.

13 de Janeiro

O espaço doméstico, esse ringue de silêncios pactuados e de lutas mudas, pode ser o território mais difícil de habitar: mas é talvez dos poucos a que sabemos poder sempre voltar, e é isso que, de uma forma ou de outra, nos conforta e sobretudo nos protege: assim como as paisagens que guardamos na memória da infância, mesmo sabendo que hoje elas já não existem da maneira como eram: as paisagens de antes já não nos recordam, não sabem que fomos também elementos delas: essas paisagens não nos querem já por perto: nós não as esquecemos.

15 de Janeiro

São quatro da manhã: todas as luzes apagadas nas janelas diante de mim, do outro lado da avenida: também em minha casa: apenas um candeeiro na secretária a apontar-me este caderno em que agora escrevo. É uma vontade imensa de gritar: de acordar toda a gente no mundo e depois esconder-me. Tenho a cabeça a trabalhar a mil à hora, ou a dois mil, ou o caralho: memórias antigas de um corpo transparente ou de

um corpo que era só uma cabeça: até nas fotografias fico cabeçudo. Há noites que demoram a ser atravessadas.

Regresso sempre aos livros antigos, às histórias que li há anos: é lá que me reencontro: regresso a esses lugares de ficção: busco algum alívio para o tormento que é esta solidão sem fim: como uma condenação a naufrago eterno.

Almeida Faria: *Os Passeios do Sonhador Solitário*:

Fala o cão-homem:

«Não sou nenhum lobisomem, [...] porém em noites assim preciso de gritar, ouvir a minha raiva por estar condenado a isto, à indiferença sem limites, por reconhecer que tudo para mim é sem sentido, solidão sem fim.»

17 de Janeiro

No rés-do-chão do prédio em frente vive um casal com dois filhos pequenos: ou melhor: cada filho pertence a só um dos progenitores. Devem ter a guarda partilhada, pois os miúdos estão em casa durante uma semana e na outra desaparecem.

As vidas deles, quando começo a vigiá-las, parecem ser de um grande tédio (como a minha): as vidas domésticas e cansadas que deixamos, com algum prazer masoquista, que nos destruam: um dia percebemos que já não têm reparação e que já não temos tempo.

Costumam sair os dois juntos uma noite de duas em duas semanas: à quarta-feira: como um ritual. Para a próxima vou segui-los.

20 de Janeiro

Amanhã vou a uma loja de objectos litúrgicos, em Fátima, comprar uma batina eclesiástica e uma camisa preta com colarinho de cabeção: serei um pastor a arrebanhar ovelhas: ajudá-las a sair mais depressa do ovil insano onde vivem. Ainda não sei onde as vou usar. Nem como.

A transgressão, mais do que libertar, conduz ao desejo: a fantasia é sempre um acto transgressor, necessário para todas as almas que acreditam — que acreditam no que quer que seja.

23 de Janeiro

Ficaram-me os olhos em ti na primeira vez que te vi: foi a meio de uma tarde.

Não sei como exprimir a ideia.

Fui-te construindo: como quem constrói com objectos soltos uma infância que a vida fez esquecer: reconstituo-te a partir do que em ti é antigo, do que em ti vejo. Faço-o nesta sala em que habitualmente vivo tomado pelo desejo de ti: horas eternas que se inclinam para o outro lado da rua: horas que, como eu, apenas se inclinam para ti.

25 de Janeiro

O tipo do primeiro andar em frente é obcecado com pornografia: sempre que está em casa tem a televisão a passar

filmes pornográficos. A sua compulsividade obsessiva não se manifesta apenas no alinhar talheres em restaurantes ou em manter objectos em casa em sítios fixos.

Hoje, com o telescópio apontado ao televisor, percebi que não são filmes pornográficos comuns: não é um canal de pornografia paga: são DVD de um catálogo de perversões a tocar o insano. Não consegui olhar mais do que um minuto de cada vez que assestava as lentes. Mas ele não se masturba: talvez seja impotente.

28 de Janeiro

Há uns anos, li numa entrevista a Karl Ove Knausgård uma afirmação que me intrigou: a ideia de «escrever para destruir». Agora que torno a pensar nisso e no contexto da escrita dele, o de «autoficção», entendo que o acto da escrita traz sempre uma descoberta pessoal daquilo que está por detrás. A escrita como destruição é isso: partir camada após camada para se chegar à fragilidade daquilo que somos e assim nos aproximarmos mais de uma qualquer possibilidade de redenção. Porque quem escreve procura sempre salvar-se: é a única razão: salvar-se de uma protecção que teve de erguer, mas que ao mesmo tempo sabe que o aniquila.

É o que faço com este diário.